

# AS DIFICULDADES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Marta Cristina Dos Santos<sup>1</sup>

Janes Terezinha Cerezer Kohnlein<sup>2</sup>

## RESUMO

Este artigo apresenta algumas ponderações sobre o campo da psicopedagogia, a qual nasceu da necessidade de compreender melhor o ser humano aprendente, o processo de aprendizagem e as respectivas dificuldades e fatores que influenciam ou interferem. A pesquisa ora apresentada tem por objetivo, elencar algumas reflexões com relação à área da Psicopedagogia e a atuação do psicopedagogo diretamente na escola. A pesquisa é de cunho teórico baseada nos estudos de Fernández (2001), Bossa (2000), Pain (1985), Visca (1987), Perraudeau (2009) entre outros. O estudo também compreendeu a pesquisas realizadas e o relatório dos estágios em psicopedagogia clínica e institucional. O estudo é apresentado em dois momentos, no primeiro embasado teoricamente salienta-se alguns pressupostos e definições do processo de aprendizagem. No segundo momento, apresenta-se a análise dos dados dos estudos realizados nos estágios em psicopedagogia. Com o estudo realizado pode-se perceber que o trabalho do psicopedagogo é de grande importância para a escola, visto que o profissional pode articular e promover ações de prevenção, orientação, intervenção, atendimento visando contribuir para a superação das dificuldades de aprendizagem dos alunos. Portanto, é imprescindível que o psicopedagogo realize ações no contexto escolar, considerando as particularidades, dificuldades e potencialidades de cada aluno, desenvolvendo um trabalho em parceria com os pais, professores, equipe pedagógica e demais especialistas em prol do progresso dos discentes.

Palavras chaves: Psicopedagogia. Contexto escolar. Aprendizagem. Alfabetização.

## 1 INTRODUÇÃO

Para reconhecer em uma criança a dificuldade de aprendizagem, se faz necessário primeiramente entender o que é aprendizagem e quais os fatores que nela interferem. Podemos dizer, numa linguagem simples, que a aprendizagem é um processo complexo que se realiza no interior do indivíduo e se manifesta em uma mudança de comportamento. A grande preocupação dos psicopedagogos e outros profissionais da área sempre foram saber como uma criança aprende, ou seja, como ela elabora seu pensamento, suas ideias, seu raciocínio lógico e principalmente como ela adquire a linguagem falada, lida e a escrita, e, a partir disso, compreender a razão pela

---

<sup>1</sup> [atramcds@gmail.com](mailto:atramcds@gmail.com), Professora egressa do curso em Pedagogia. Acadêmica do curso de especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus de São Miguel do Oeste/SC

<sup>2</sup> [janes.kohnlein@unoesc.edu.br](mailto:janes.kohnlein@unoesc.edu.br), Professora titular da Universidade do Oeste de Santa Catarina. Possui graduação em Pedagogia Orientação Educacional pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (1995). Psicopedagoga pela faculdade de Itapiranga (2003) e Mestrado em Educação pela IPLAC/UNOESC (2000) convalidado Universidade de Passo Fundo (2006).

qual alguns alunos, sem deficiência, apresentam dificuldades de aprendizagem e conseqüentemente insucesso escolar.

Valendo-se do princípio norteador da Psicopedagogia como área de conhecimento que “se ocupa da aprendizagem humana, que adveio de uma demanda [...]”, para descobrir “[...] como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las” (BOSSA, 1994, p. 21), neste contexto o artigo das práticas em psicopedagogia tem grande importância ao proporcionar um momento de observação que irá possibilitar a análise do desenvolvimento integral da criança, me desafio nesta busca constante por conhecimento desde a graduação, na qual já procurava compreender este processo tão complexo chamado aprendizagem.

Assim, a opção por essa temática levou em consideração que este estudo poderá propiciar uma visão fundamentada da realidade que envolve as dificuldades de aprendizagem vislumbrando possibilidades de intervenções que qualifiquem o processo e respeite as diversidades. Espero, dessa forma contribuir para que as decisões educacionais passem a considerar os resultados dessa pesquisa para efetivar práticas pedagógicas que respeite a diversidade em sala de aula, dando subsídios para superar as dificuldades de aprendizagem e potencializar a alfabetização.

Destaca-se que o artigo é elaborado a partir dos conhecimentos construídos nas práticas e nos estágios de psicopedagogia sendo de relevada importância à acadêmica porque serviu de suporte teórico à elaboração das práticas psicopedagógicas que foram desenvolvidas durante os estágios institucional e clínico. Salienta-se ser esse estudo uma fonte de pesquisa para outros profissionais da educação os quais poderão se valer das informações e, posteriormente, criar alternativas que tenham na sua essência a busca pela construção do ser humano e que este se torne capaz de superar as dificuldades.

O presente artigo estrutura-se em três partes principais: Primeiramente, será apresentada uma fundamentação teórica, na qual busca-se expor as concepções teóricas que embasam este trabalho. Depois, encontra-se a descrição da metodologia. Por fim, encontram-se os resultados provenientes na conclusão e as referências utilizadas para fundamentar o estudo.

## **2 UM OLHAR DIFERENCIADO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM E NAS DIFICULDADES**

O que é aprender? Como a criança aprende? Como constrói o conhecimento? O que é necessário para que a aprendizagem se torne significativa? Como psicopedagogas

nos desafiamos a refletir sobre o ato de aprender, buscando compreender o seu percurso histórico bem como a realidade atual, pois consideramos a história e a cultura de um povo como a maior expressão do aprender. São muitas as questões em torno da aprendizagem e muitas são também as dificuldades encontradas.

É importante ressaltar que a resposta para estas ou similares questões não é simples conforme apresenta Assmann (1998, p.35),

[...] a escola tinha, tradicionalmente, uma resposta aparentemente óbvia: aprende-se estudando numa boa escola, com bons professores. Ou seja, o conhecimento surge mediante a aprendizagem. E como surge a aprendizagem? Ora, mediante o ensino. Nessa visão, uma boa aprendizagem seria o resultado normal de um bom ensino e do estudo disciplinado.

Essa visão tradicional e simplista do aprender entrou em crise, porém muitos profissionais da área de educação ainda consideram esta resposta como uma realidade. Não consideram o avanço na educação e na ciência que através da pesquisa busca novas explicações científicas sobre como a criança aprende e considera a criança como parte ativa e fundamental no processo de aprender.

Não se desconsidera aqui a intrínseca ligação entre o ensinar e o aprender. Conforme apresenta Fernández (2001, p.29), “[...]entre o ensinante e o aprendente abre-se um campo de diferenças em que se situa o prazer de aprender”. Portanto, deve-se estar sempre atento ao comportamento e as inquietações das crianças, considerando-as como um ser humano em constante desenvolvimento.

Aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores genéticos, biológicos, orgânicos e ambientais. Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente. Nesse enfoque, centrado na aprendizagem, o conhecimento é construído e reconstruído continuamente.

Nesse sentido, conforme Perraudeau (2009, p.11), “[...] a aprendizagem pode ser definida a partir do comportamento do aluno (visível), bem como a partir das estruturas de pensamento (não-visíveis) que sustentam esse comportamento.” Portanto, deve-se estar sempre atento ao comportamento e às inquietações das crianças, como seres humanos em constante desenvolvimento.

Com a entrada das classes populares nas escolas públicas brasileiras, o tema referente às dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita ganhou força entre pesquisadores e professores devido à preocupação com a diversidade social, cultural e

dos diferentes modos de aprendizagem desses novos alunos que entravam no sistema de ensino. Considerando que antes da democratização da escola, a educação era algo restrito ao público das camadas privilegiadas que já dominavam os conhecimentos linguísticos e culturais valorizados pela instituição escolar.

As dificuldades de aprendizagem é um tema que vem sendo estudado por vários profissionais que estão em busca de compreender o baixo desempenho dos alunos diante às avaliações nacionais aplicadas para medir o nível de ensino aprendizagem, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, objetivando melhorar o processo de ensino/aprendizagem.

Segundo, SCOZ (2011, p. 20),

Os problemas de aprendizagem não são restringíveis a nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos / sociais e pedagógicos percebidos dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade.

A área da educação nem sempre é cercada por sucesso e aprovações. Muitas vezes, no decorrer do ensino, nos deparamos com problemas que deixam os alunos paralisados diante do processo de aprendizagem. Assim são rotulados, pela própria família, professores e colegas os que não conseguem aprender, não vão bem na escola, não sabe ler/escreve.

Conforme Correia (2001, p.02),

Quanto a nós, embora possamos considerar um conjunto de factores, como o são a motivação e a auto-estima do aluno e o envolvimento dos pais, entre outros, será a qualidade do ensino ministrado que fará a diferença. A paciência, o apoio e o encorajamento prestado pelo professor serão com certeza os impulsionadores do sucesso escolar do aluno, abrindo-lhe novas perspectivas para o futuro.

O termo dificuldade de aprendizagem sempre foi muito debatido entre os profissionais envolvidos na área da educação. Qual é a razão de alunos que não apresentam deficiência mental estarem constantemente experimentando o insucesso escolar, especialmente nas áreas acadêmica como a leitura, escrita mais especificamente o processo de alfabetização. Segundo Carvalho (2007, p. 19),

Sob o enfoque psicopedagógico, qualquer tentativa de explicação sobre as dificuldades na aprendizagem que atribua suas origens a uma única causa, será insuficiente e falha, na medida em que as teorias unicasais não consideram o conjunto de fatores que se dinamizam em torno do aprendiz, incluindo as pessoas com as quais interage, o ambiente social, o ambiente escolar e o contexto sócio-econômico e cultural no qual se insere.

A ideia de que toda criança deve ter oportunidade de aprender, independentemente de sua dificuldade e diferença, está firmemente enraizada em nossas políticas educacionais, as quais garantem o acesso de todas as crianças à escola. Porém crianças com dificuldades de aprendizagem, não estão tendo oportunidades e possibilidades adequadas de aprender. Portanto, evitando rótulos e buscando incluir e atender às necessidades individuais do educando será possível prevenir, ou minimizar dificuldades de aprendizagem.

Com enfoque psicopedagógico vamos apresentar a contribuição de diferentes teóricos para a aprendizagem e suas dificuldades dentre as filosofias comportamentais, cognitivas, na teoria da medição e na filosofia humanista e dentre essas onde situar a abordagem psicopedagógica acerca do que sejam as dificuldades na aprendizagem?

Segundo Carvalho (2007, p.18) “Nas filosofias comportamentalistas a aprendizagem pode ser observada (e mensurada) pelos comportamentos manifestados pelos sujeitos, após terem sido intencionalmente estimulados. ” A ineficácia na aprendizagem é atribuída unicamente ao próprio aprendiz.

Segundo Carvalho (2007, p.19) nas filosofias cognitivista ao contrário do comportamentalismo,

[...] toda a ênfase deve ser colocada nos processos mentais superiores (percepção, processamentos de informações, resolução de problema, compreensão, atribuição de significados, armazenamento de informações, etc.) que permitem aos sujeitos conhecer o mundo e construir suas estruturas cognitivas ou atualizar potenciais latentes.

Já referente as dificuldades na aprendizagem Carvalho (2007, p.19) “segundo esse paradigma podem ser explicadas pelas limitações dos sujeitos em processar ou utilizar, adequadamente, as informações que recebem do meio. ”

Ainda conforme Carvalho (2007, p.19) na teoria da mediação de Vygotsky, “O desenvolvimento, incluindo-se aos processos mentais, tem origem e natureza social. ” Já as dificuldades na aprendizagem,

Podem ser explicadas segundo a lei da dupla formação: no desenvolvimento dos indivíduos, qualquer função mental aparece duas vezes, primeiro em nível social e depois em nível individual. Em outras palavras, primeiro entre pessoas (daí a importância da mediação) e depois no interior do próprio aprendiz (pela internalização do conhecimento construído).

Para finalizar Carvalho apresenta a filosofia humanista “o aprendiz é percebido como um todo, valorizado em suas ações, em seu intelecto e em seus sentimentos, isto é, ele é percebido como pessoa.” Segundo Morreira (1999, p. 168) “a premissa básica da teoria de Novak é que os seres humanos fazem três coisas: pensam, sentem e atuam” e qualquer proposta de educação com vista a aprendizagem deve levar em conta esses aspectos.

Concluimos dentre as abordagens sobre os processos de aprender acima resumidas, que a concepção humanista representa melhor a abordagem psicopedagógica frente as dificuldades na aprendizagem, na medida em que valoriza a pessoa, em todas as suas dimensões, sem privilegiar qualquer delas como a mais importante.

Quando se está diante de uma criança com dificuldades de aprendizagem, não significa que essa criança não aprenda, mas sim que seu processo de aprendizagem se encontra desequilibrado e que as aprendizagens são realizadas de maneira diferenciada da esperada, cabe ao professor identificar as dificuldades dos seus alunos bem como elaborar um planejamento coerente que facilite o processo de ensino aprendizagem.

Ao mencionar as Dificuldades de Aprendizagem, não se deve esquecer que o período de alfabetização ultrapassa a questão do ensinar a escrever e ler, pois a escola é o espaço que permite às crianças receberem, não apenas conhecimentos formais, mas também toda a bagagem histórica, cultural e social que a humanidade construiu durante os séculos.

Conforme Porto (2011, p.116) “[...] é necessário que a intervenção psicopedagógica invista na melhoria das relações de aprendizagem e na construção da autonomia não só dos alunos, mas, principalmente, dos educadores.” Acreditamos que o principal desafio do psicopedagogo é criar estratégias de convivência para promover um ambiente saudável e favorável a aprendizagem, de modo que os professores e os alunos sintam-se motivados a aprender e ensinar mutuamente.

A psicopedagogia atua no sentido de analisar e intervir nos fatores que prejudicam o processo de aprendizagem. Aqui foi possível levantar e reunir uma gama de conhecimentos sobre a história, as principais influências e a atuação institucional e clínica da psicopedagogia. Contudo, é relevante afirmar que não se esgotam aqui as

possibilidades sobre o assunto. Visto que, a complexidade humana é algo mutável e sempre recheada de muita diversidade.

### **3 DESCRIÇÃO DA METODOLOGIA**

Para o estudo em questão, utilizei abordagem quali-quantitativa visando alcançar os objetivos que foram propostos. A ideia de pesquisa quantitativa na visão de Strieder (2009, p. 45), “ [...] se utiliza basicamente de recursos estatísticos como forma de identificar as causas e conhecer um fenômeno/problema. [...] convém salientar que esses dados necessitam de interpretação, explicação e compreensão, a ser feitos pelo pesquisador.” Para atender os aspectos qualitativos conforme Nardi (2003, p. 55) “O propósito fundamental da pesquisa qualitativa é a compreensão, explanação e especificação do fenômeno social”.

Assim sendo, a fonte de dados foi obtida através de pesquisa teórica [...] dedicada a reconstruir teórica, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos.” (DEMO, 2000, p.20) esse campo de pesquisa é muito vasto, porem devemos ficar atentos a qualidade e a credibilidade do conteúdo pesquisado, para ter um melhor aproveitamento do aprendizado.

Sendo uma pesquisa que tem por objetivo produzir e analisar dados e fatos, o tratamento a ser realizado será do gênero empírico, Segundo (DEMO, 2000, p. 20) “[...] face empírica e fatural da realidade; produz e analisa dados, procedendo sempre pela via do controle empírico e fatural.”

No desenvolvimento desta pesquisa será baseado no estudo de campo, segundo Strieder estudo de campo (2009, p.48) “é um estudo mais aprofundado, apresenta maior flexibilidade, permite a reformulação de seus objetivos no decorrer do processo de pesquisa.”

De posse dos estudos desenvolvidos e com a fundamentação teórica da temática orientadora do estágio definida como, com um olhar para as possibilidades de intervenção e reflexão para inclusão de todos no processo da alfabetização, respeitando a diversidade das crianças, retornamos ao contexto institucional escolar e, para conhecer mais precisamente o papel do psicopedagogo institucional. Este primeiro contato, também visou estabelecer e conhecer a realidade da instituição, bem como determinar a faixa etária que seria abordada, em conversa com a coordenação ficou estabelecido os

alunos do terceiro ano neste momento também foi realizada a proposição das datas de realização da referida proposta.

Ao finalizar o estágio institucional logo iniciou-se o projeto para o estágio clínico em psicopedagogia. Com estudo de caso foi realizado com uma menina de seis anos de idade, que frequentava o primeiro ano dos anos iniciais. O atendimento foi realizado com consentimento dos responsáveis legais da criança. Tendo sete sessões de avaliação psicopedagógica que proporcionou um olhar mais específico as demandas da criança atendida.

Destacamos, que “somos partidários [...] de que a análise e a interpretação dos dados estão contidas no mesmo movimento: o de olhar atentamente para os dados da pesquisa”

## **4 ANÁLISE DOS DADOS**

No presente momento será apresentado o relato da análise dos estágios em psicopedagogia institucional realizados no âmbito escolar, e da psicopedagogia clínica.

### **4.1 O PSICOPEDAGOGO NO ÂMBITO INSTITUCIONAL**

No presente momento será apresentado o relato e análise dos encontros realizados no estágio institucional realizado em uma Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental da região.

No dia três de maio primeiro dia de aplicação do estágio, as estagiarias se apresentaram e na sequência organizaram a sala com o auxílio das crianças deixando somente as cadeiras ao centro e iniciaram com uma atividade de descontração e acolhida a dança da cadeira. O diferencial é que nesta brincadeira quem saíram foram as cadeiras e as crianças deviam permanecer na roda, neste primeiro momento de aproximação houve um desconforto por parte das crianças entre si, e uma recusa inicial de se aproximar ou interagir com alguns colegas. No decorrer da atividade podemos perceber também a competitividade e o pensamento de individualidade que dificultava a organização nas poucas cadeiras que restavam. No final da brincadeira um aluno mais observador teve a iniciativa de sentar um no colo do outro para concluir a atividade.

Num segundo momento do encontro foi distribuído um tapete para cada criança sentar e organizado um círculo para uma atividade de registro escrito em um papel colorido cada criança deveria escrever qual o seu desejo para o nosso encontro neste

momento podemos observar os níveis de alfabetização presentes na turma, algumas crianças ainda não estavam alfabetizadas elas registraram com desenhos.

O momento da apresentação dos jogos gigantes foi surpreendente a alegria e empolgação das crianças foi notório bem como o encantamento da professora pelo material. Segundo Piaget apud Santos (2001, p. 173),

[...] o lúdico é uma característica fundamental do ser humano, do qual a criança depende muito para se desenvolver. Para crescer ela deve brincar e para se equilibrar frente ao mundo precisa do jogo. Aprender brincando tem mais resultados, pois assimilação infantil adapta-se facilmente à realidade.

Os materiais foram distribuídos pela sala um em cada espaço e dividido os grupos de crianças para trabalhar com cada jogo, as estagiárias passaram nos grupos explicando a atividade e as regras dos jogos, foi feito o rodizio e depois de um tempo trocavam de jogo para conhecer o próximo. Neste momento podemos perceber que as crianças brincaram de forma unida e respeitosa sendo que ajudavam uns aos outros e que todos puderam contribuir com opiniões. Conforme as palavras de Redin (2007, p.136),

A escola para as crianças poderá assim, se tornar “um lugar de ser, de sentir, um lugar de conhecer, um lugar de descobrir, um lugar de se encantar [...] um lugar de compartilha [...] um tempo de nada e um tempo de tudo [...] um pequeno grande mundo, onde dimensões múltiplas se mesclam”.

No final da atividade as crianças ajudaram as estagiárias organizarem o material e deixar a sala organizada para continuar com a aula da professora da turma.

No dia quatro de maio foi realizado o segundo dia de aplicação do estágio, as crianças estavam eufóricas esperando nossa presença, o que podemos perceber pela conversa que ouvíamos na janela. Ao entrarmos na sala as crianças estavam agitadas, pedimos que se acalmassem para que pudessemos iniciar as atividades, quando se acalmaram iniciamos a organização dos grupos, para a construção dos jogos.

Os grupos foram os mesmos formados no primeiro dia de estágio, porém não houve a resistência em se agruparem como no primeiro dia. Organizamos cada grupo em um espaço na sala e deixamos alguns minutos para que juntos entrassem em acordo e escolhessem um jogo para construir com os materiais disponíveis.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (BRASIL, 1997, p.67) enfatizam a importância do trabalho em grupo em sala de aula,

O trabalho em grupo possibilita ricos intercâmbios comunicativos que, embora tenham enorme valor social e pedagógico, nem sempre implicam interação produtiva do ponto de vista dos conteúdos escolares. Para que a interação grupal cumpra seu papel didático é preciso que os alunos realmente realizem juntos uma determinada atividade, que o resultado seja, de fato, produto da ação do grupo. [...] Nesse sentido, o grande desafio é criar condições didáticas para que a interação verdadeiramente ocorra.

Em seguida com a decisão tomada passamos nos grupos e questionamos o que fariam, como fariam e quais materiais seriam utilizados, lembramos que todos deveriam participar do processo. Um grupo escolheu reproduzir o jogo da velha e os outros quatro grupos escolheram construir o jogo reversi. Após pedimos que eles elegessem um representante para que se encaminhasse as mesas dos materiais e pegasse o necessário, neste momento foi possível perceber a dificuldade em aceitar que o outro fosse, todos queriam ir, mas no final tiveram que eleger um colega para representar o grupo.

Com os materiais sobre a mesa os grupos iniciaram a construção dos jogos, o grupo que construiu o jogo da velha, logo iniciou a construção, não sendo necessário nossa ajuda. Os outros quatro grupos estavam em dúvida de como seria feito o tabuleiro do jogo e entrando em conflito, então uma das estagiárias explicou que o tabuleiro teria que ser de 6 por 6 e o desenhou no quadro, assim cada um dos grupos iniciou a construção.

Em um dos grupos, uma das crianças que não está alfabetizada até o momento assumiu o grupo, ao passarmos por eles podíamos perceber como ele estava se sentindo confiante e feliz naquele processo com seus colegas o escutando e seguindo suas opiniões. Já em outro grupo era possível perceber a exclusão da criança não alfabetizada, não o deixavam participar das escolhas e nem do processo, percebendo esta situação intervimos lembrando que todos deveriam participar e que se todos trabalhassem juntos terminariam mais rápido, para poder jogar e se divertir, então uma das crianças pegou um pedaço do EVA que tinha o molde das peças e o pediu para recortar, neste momento a criança mostrou-se feliz ao poder participar.

Nos outros dois grupos todos participavam das escolhas e das produções, porém precisaram da nossa ajuda para a construção do tabuleiro. No final das produções pedimos que deixassem organizados e limpas suas carteiras e o espaço, após poderiam jogá-los. Como o tempo foi curto alguns grupos não conseguiram jogar, porém a professora da turma se comprometeu em deixá-los utilizar no dia dos jogos. “As crianças que brincam geralmente não estão a sós. A escola não deve cultivar apenas a espontaneidade, já que os seres humanos necessitam de diálogo, do grupo.”

(KISHIMOTO, 2002, p. 149). A escola deve motivar a criança a brincar coletivamente, incentivando a socialização, com isso o indivíduo aprende a conviver em grupo e se inserir na sociedade.

Em seguida, pedimos que guardassem os jogos, pois teríamos mais atividades, neste momento sentimos um pouco de resistência, mas no final colaboraram. Com os materiais guardados, passamos novamente a caixa com papéis, canetinhas e lápis para que escrevessem do jeito deles o que acharam do estágio, novamente as crianças que não estão alfabetizadas nos pediram como fariam, pedimos que escrevessem do jeito que sabiam e assim iniciaram. Uma das crianças copiou palavras da parede, como por exemplo, combinados/cantinho da leitura, está escondia o que estava fazendo, respeitamos o espaço, outra escreveu sozinha como conseguia e a outra precisou de nosso auxílio, nos mostrando conhecer as letras, mas não os sons que produzem. As outras crianças no geral escreveram bastante, algumas com letras cursivas e outras script, mostrando vontade em escrever corretamente, tirando dúvidas de ortografia.

Para finalizar o estágio propomos a dinâmica do abraço coletivo, explicamos como funcionaria e assim iniciou-se. Quando a música parou a primeira vez logo encontraram um colega para abraçar, na segunda vez as meninas procuraram-se para abraçar-se, na terceira vez novamente foi possível perceber a não aceitação do individual de cada um, mas no final com incentivo a turma toda atingiu o propósito ficando todos abraçados. Após a dinâmica agradecemos a professora pelo acolhimento e confiança entregando-a uma flor e as crianças pela colaboração e participação e entregamos um pirulito.

O estágio atendeu nossas expectativas, onde o objetivo era a inclusão de todos, percebemos que esta aceitação do individual precisa de um trabalho contínuo, para que as crianças excluídas se sintam partes integrantes e ativas do processo de ensino/aprendizagem.

#### 4.2 A PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E O ESTUDO DE CASO

No presente momento será apresentado o relato dos encontros realizados no estágio clínico desenvolvido com uma criança do sexo feminino com seis anos de idade.

Primeiramente foi realizado a entrevista de anamnese como um dos pontos cruciais de um bom diagnóstico. Segundo Weiss (2003, p.61) “É ela que possibilita a integração das dimensões de passado, presente e futuro do paciente, permitindo

perceber a construção ou não de sua própria continuidade e das diferentes gerações, ou seja, é uma anamnese da família. ”

A consulta anamnese visou o primeiro contato com a família e a queixa relatada pela mesma, em um diálogo breve a estagiária realizou sua apresentação e fez a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido, recolhendo a assinatura em duas vias uma para a responsável outra para a estagiária.

Neste primeiro encontro com a tia (cuidadora) também foi realizada a entrevista psicopedagógica com questões previamente estabelecidas que buscaram compreender mais a realidade da atendida. Para finalizar a estagiária explicou como seria realizada as próximas sessões e que as mesmas seriam só com a presença da criança. Lembramos da responsabilidade em cumprir os horários.

A segunda sessão foi dividida em dois momentos primeiramente foi realizada uma conversa psicopedagógica de apresentação e acolhida da atendida, na qual ela demonstrou-se ativa e falante, com tom de voz alto, gesticula muito para falar, nesta primeira apresentação a criança já relacionou o meu nome com a da mãe biológica, relatando que ela tem o mesmo nome que o da estagiária neste momento perguntei para que ela me fala-se mais sobre sua mãe e sua família, a atendida fez o relato demonstrando a vontade de viver com toda a família unida.

Segundo Visca (1987, p. 72):

Em todo momento, a intenção é permitir ao sujeito construir a entrevista de maneira espontânea, porém dirigida de forma experimental. Interessa observar seus conhecimentos, atitudes, destrezas, mecanismos de defesa, ansiedade, áreas de expressão da conduta, níveis de imperatividade, mobilidade horizontal e vertical.

Considerando o lúdico como facilitador para permear as sessões psicopedagógicas na sequência foi trabalhado com a caixa psicopedagógica a atendida abriu a caixa e posicionou a tampa do seu lado e logo começou a interagir com os materiais, demonstrando grande criatividade durante a sessão mudou de lugar e trocou de materiais constante mente, ocupa todo o espaço disponível deixando cair alguns objetos, mostrou-se desorganizada e descuidada com os materiais. Também expressa sentimentos nas brincadeiras. Conforme Winnicott apud Weiss (2003, p. 72) “ é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, a criança ou o adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu.”

Depois de um tempo de exploração do material a estagiária foi questionando a atendida para relatar mais sobre sua família neste momento ela contou que morava com a tia e com as primas o pai havia morrido e estava no céu a mãe morava com os outros três irmãos (homens) em outra cidade e não mantem contato com a menor, ela relata que a mãe está doente por isso mora com a tia, em seus relatos a tristeza e a melancolia ficavam evidente. Neste momento a professora orientadora entra na sala e também questiona a menina. No ambiente escolar a criança relata sentir uma raiva muito forte e em alguns momentos tem vontade de socar os colegas que a perturbam muito.

Para finalizar a estagiária explicou que este foi o primeiro encontro e que teriam mais quatro encontros iguais a este momento de brincadeiras e de conhecer-se e que para o próximo encontro a atendida tinha que trazer a mochila escolar.

No terceiro encontro ao receber a atendida sua vestimenta logo chamou a atenção de estagiária e da professora orientadora a mesma estava um pouco suja e de chinelo (neste dia fazia frio por isso a observação) após acolher a menina com a mochila nos sentamos nas cadeiras na mesa, a estagiária solicitou para criança mostrar a sua mochila e seu material escolar a atendida prontamente começou a apresentar seus materiais agenda, caderno, apostila a cada material era uma história ela conversa muito e apresenta fatos referentes a seu cotidiano, no final cria uma justificativa, pois não havia o estojo e os lápis estavam soltos me contou que o estojo havia ficado na escola. Ao observar o material a estagiária percebeu vários bilhetes e anotações da professora para a tia pedindo para ajudar a atendida nas tarefas de tema de casa, bem como auxiliá-la no processo de alfabetização. O material apresentava-se descuidado, sujo, amaçado desorganizado neste momento a realidade não bateu com o relato da tia no dia da entrevista na qual ela salientou que ajudava a atendida nas tarefas escolares. Segundo Weiss (2003, p.94) “A análise do material escolar implica verificar-se a metodologia utilizada em sala de aula, ou seja a qualidade didática. Observa-se também como anda a organização em nível de antecipação e estruturação das atividades o cuidado ou não com os seus diferentes materiais.”

Como a menina foi tirando todo o material ao finalizar este momento a estagiária pediu para que a mesma guardasse o seu material na mochila. Nas indagações realizadas sobre o contexto escolar o que te faz mais feliz a criança relatou os jogos no computador. O que te deixa mais triste não ter ninguém para brincar no recreio, perder nos jogos com as palavras da criança “quando perco dá uma raiva) quando questionada o que é essa raiva “uma vontade de socar (bater) em todo mundo”.

Na sequência a estagiária pegou a caixa psicopedagógica e pediu para a atendida pegar uma folha e um lápis de escrever para fazer um desenho livre no qual ela fez uma criança fugindo dos fantasmas.

Segundo Weiss (2003, p.120) “O uso do desenho em psicopedagogia aproveita uma forma da criança expressar-se espontaneamente satisfazendo seus desejos de atividade lúdica.” No desenho do contexto escolar ela representou dois momentos um mais tradicional de ensino e outro de interação com demais crianças. Piaget (1986,.p 05) apud Weiss (2003, p. 122) ressalta que “O desenho é uma forma de função semiótica que se inscreve a meio caminho entre o jogo simbólico, cujo mesmo prazer funcional e cuja mesma autotelia apresenta, e a imagem mental, com a qual partilha o esforço de imitação do real.”

Para finalizar este encontro jogamos o jogo psicopedagógico da memória das frutas. A atendida demonstrou não gostar de perder no jogo e também cria estratégias de trapacear. Como pedir para a estagiária olhar para o outro lado no momento em que ela fosse virar as peças do jogo para poder olhar mais que uma. No mesmo dia foram realizadas duas sessões na sequência iniciamos a descrição da sessão do teste psicomotor.

Neste momento já estávamos envolvidas nas atividades a estagiaria pegou o material que estava escondido em uma sacola para não desviar a atenção de atendida nas primeiras atividades desenvolvidas, solicitou que a criança organiza-se um circuito com os materiais utilizando todo o espaço da sala, na ordem que ela gostaria de jogar. Primeiramente o colorido do torre copos chamou sua atenção este foi o primeiro escolhido colocou na mesa, depois o boliche, a mesa maluca, o pular corda, e para finalizar andar sobre a fita; a criança demonstrou nos movimentos de pinça ter cuidado, firmeza e agilidade. Na atividade de lateralidade já tem definido lado direito como dominante demonstrando facilidade ao jogar a bola e queixando-se que com a mão esquerda não iria conseguir. A motricidade ampla também realiza bem os movimentos como pular corda neste momento a professora orientadora estava na sala e ajudou a estagiária a tocar a corda; o andar sobre a fita demonstrou bom equilíbrio. Para finalizar jogamos o jogo pega varetas que a criança já conhecia e foi bem fácil de jogar o que chamou atenção da estagiária foi que na hora de contar os palitos a criança conta até o dez demonstrando não conseguir contar os demais palitos então a estagiaria pede para ela fazer montes de dez para depois somarmos e obtermos o resultado.

Ao final desta sessão a tia em conversa com a professora orientadora e a estagiária diz que não terá como realizar a última sessão pois a mãe da criança ira vir buscar a mesma a

professora então solicita que a tia traga a menina no outro dia sábado pela manhã para realizar as últimas sessões que está descrita a seguir.

Neste dia a estagiária organiza a sala com tapete e almofadas para fazer a contação da história casa sonolenta. Após receber a atendida fez a contação da história e na sequência conversaram sobre a mesma, a criança conseguiu fazer um resumo da história. Na sequência a estagiária selecionou três palavras do livro MENINO, CACHORRO, CASA e questiona a menina inicialmente com a palavra menino que som tem no início desta palavra? A atendida demonstra-se envergonhada para responder, mas a estagiária salienta para ela responder o que ela sabe então a estagiária repete o questionamento e a menina responde M-E = me. Na palavra cachorro qual é o pedaço está no meio da palavra CACHORRO, nesta ela apresentou dificuldades para identificar o som do meio, para finalizar este momento a estagiária pergunta qual o último pedaço da palavra CASA, ela responde S-A= SA. Neste momento percebemos que a criança é alfabetizada pelo método tradicional de juntar letras e formar sílabas como já havia ficado evidente na observação do material escolar pelas atividades desenvolvidas estudando uma letra por vez como método da cartilha.

A próxima atividade foi dividida em dois momentos primeiro colocar os personagens na ordem que aparecem na história e ir nomeando-os a estagiária colocou a primeira cama e pediu para a atendida continuar ela organizou a avó e os demais na ordem correta, o segundo momento foi colocar de forma aleatória a nomenclatura das personagens e pedir para que a criança colocasse a palavra ao lado do personagem correto o primeiro foi gato, rato, cama, a criança travou não queria mais colocar então a estagiária apontou para a palavra menino e pediu que som inicia esta palavra ela logo relacionou ME menino e colocou ao lado do menino, depois a estagiária apontou o A de avó e ela percebeu que só avó iniciava com a e colocou no lugar correspondente cachorro e pulga ela colocou trocado.

Na sequência brincamos com rimas de forma oral, a estagiária iniciou falando que palavra rima com casa, a menina pensou e não respondeu aí a estagiária disse casa rima com brasa, a criança não conseguiu realizar esta atividade.

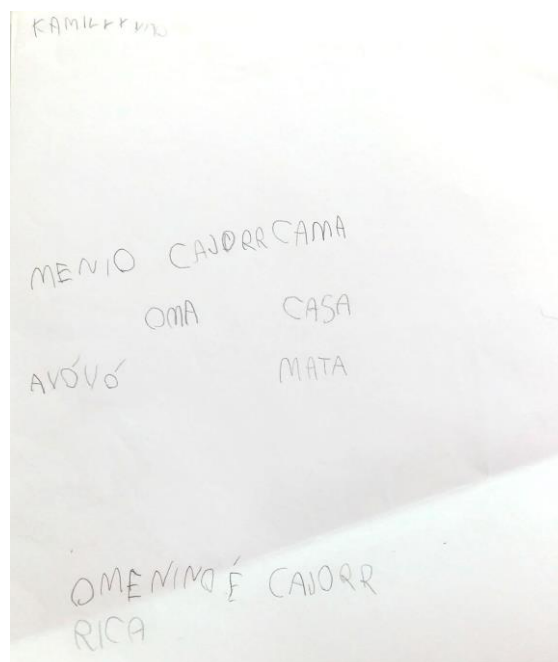
Ao solicitar que a menina escrevesse seu nome em uma folha ela logo respondeu não sabia escrever só sei o primeiro nome e anotou na folha. Na sequência a estagiária solicitou para ela escrever a palavra menino do jeito que ela sabia então ela anotou na folha, depois cachorro, dormindo, cama, casa e avó. A criança pediu para escrever o nome da estagiária também. Para finalizar a estagiária pediu para a criança escrever a frase o menino brinca com o cachorro. Na sequência foi realizado as provas piagetianas que estão descritas a seguir.

Neste encontro foram realizadas algumas provas piagetianas para observar o raciocínio lógico matemático na atividade de conservação colocamos na mesa uma caixa de massa de modelar de variadas cores, onde utilizamos duas cores diferentes para fazermos duas bolas com diâmetros diferenciados, e perguntamos a criança qual a maior e qual a menor, mas a criança não foi capaz de estabelecer um grau de pensamento conservativo, ou seja, oscila seu raciocínio entre a quantidade e o tamanho da matéria, de quantidade de matéria a criança nega que a quantidade de massa continue igual, pois as formas são diferentes, não relacionando as situações.

As provas operatórias segundo Weiss (2003, p.106) “tem como objetivo principal determinar o grau de aquisição de algumas noções-chaves do desenvolvimento cognitivo, detectando o nível de pensamento alcançado pela criança, ou seja, o nível de estrutura cognoscitiva com que opera. ”

Na questão de conservação de volumes a criança entende que quando mudamos de recipiente a criança tende a responder que a quantidade é diferente. Não conservativo nas duas primeiras provas. O que é normal para a idade pois a criança ainda está construindo esse conhecimento.

Na conservação de superfície quando colocado o pasto para vaquinha a criança já possui alguma noção de quantidade, e até justifica o óbvio. Na conservação de comprimento a criança tende a não observar os comprimentos e justifica que as disposições são idênticas quando colocado uma linha comprida e outra curvada que fiquem do mesmo comprimento inicial e final. A atendida não demonstra dificuldades e ainda está construindo seus conhecimentos sobre cálculos matemáticos e raciocínio lógico.



A devolutiva foi para a tia da atendida mesmo se passando alguns dias a mãe ainda não havia buscado a criança. Num primeiro momento tivemos uma conversa na qual a estagiária explicou que o informe psicopedagógico não marca o final do atendimento e sim a avaliação inicial na qual a atendida passou por diversas atividades diferentes que propiciaram um olhar específico para seu processo de aprendizagem a estagiária foi explicando o informe psicopedagógico para a tia de forma a facilitar o entendimento ao finalizar a estagiária agradeceu a presença da mesma e o tempo dedicado ao estágio.

## **5 CONCLUSÃO**

Concluimos que a Psicopedagogia é um campo de conhecimento que lida com o processo de aprendizagem humana, tendo como objeto de estudo o próprio ser humano, na sua apreensão da realidade e na sua construção do conhecimento. Estuda o processo de aprendizagem e suas dificuldades, principalmente relacionados à prática pedagógica, envolvendo o atendimento às necessidades individuais de aprendizagem, o fracasso escolar e a apropriação do conhecimento pelo sujeito.

No estágio institucional o processo de aprendizagem é amplo e complexo, e envolve um sujeito que ensina e um sujeito que aprende, e sobre este sujeito que aprende vários fatores tanto internos como externos que podem interferir nessa aprendizagem. O papel do Psicopedagogo Institucional é fazer com que a escola cumpra sua missão, facilitando o processo de ensino. A pesquisa permitiu um olhar direcionado para a escola, do ponto de vista amplo que deve ser visto pelo Psicopedagogo para a aplicação do estágio foi selecionada uma turma da escola com o foco no aluno e na inclusão de todos no processo da aprendizagem.

Nas atividades realizadas no estágio clínico vivenciar o papel desempenhado pelo psicopedagogo clínico e perceber o quanto é valioso fazer o bem ao nosso próximo, intervir na vida de criança com dificuldades de aprendizagem, estimulando as a superar suas limitações e trazendo de volta sua autoestima, sua alegria é uma das recompensas. Portanto, é necessário que o psicopedagogo tenha um olhar abrangente sobre as causas das dificuldades de aprendizagem para que venha compreender mais profundamente como ocorre este processo de aprender utilizando-se de uma abordagem mais ampla na qual não se toma apenas um aspecto da pessoa, mas sua integralidade. A esta ideia Piaget (1978 apud BALESTRA, 2007, p. 47) atesta o fato de que a afetividade

e a inteligência são indissociáveis e constituem os dois aspectos de toda conduta humana.

Entendeu-se que todo o conhecimento obtido nas atividades de estágio realizadas e no conteúdo pesquisado foi o início de um processo de estudo e reflexão acima dos diferentes assuntos, e que ao longo de uma jornada pudemos aprofundar, refletir, debater e com certeza compreender lacunas existentes nesse caminho de conhecimento e desenvolvimento humano.

A Psicopedagogia propõe um caminho de possibilidades para a criança que se encontra em fase de aprendizagem, busca as características individuais, entra como investigadora e pesquisadora das dificuldades humanas e procura entender a complexidade dos fatos que comprometem o desenvolvimento intelectual da criança e seu comportamento

## REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **Reencontrar a educação**: rumo à sociedade aprendente. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BALESTRA, Maria Marta. A psicopedagogia em Piaget: uma ponte para a educação da liberdade. Curitiba: Ibplex, 2007.

BOSSA, Nádya Aparecida. \Dificuldades de Aprendizagem: o que são e como tratá-las. Porto Alegre: Artmed, 2000.

BOSSA, Nádya Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental**, Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf> acesso em: 27 out 2018.

CARVALHO, Rosita Edler. **Dificuldades de aprendizagem**: uma obra psicopedagógica. 2007.

CORREIA, Luís de Miranda. **Dificuldades de Aprendizagem**: Contributos para a Clarificação e Unificação de Conceitos. Braga: Associação dos Psicólogos Portugueses. 2001.

DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa**: polêmicas do nosso tempo. ed. São Paulo: Autores Associados, 2000.

FERNÁNDEZ, Alicia. **O saber em jogo**: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. 1. Ed. Porto Alegre: Aritmed, 2001.

KISHIMOTO, Tizunko Morchida. **O brincar e suas teorias**. 1. ed. São Paulo: Pioneiro, 2002.

MOREIRA, M.A. **Teorias de aprendizagem**. São Paulo. EPU, 1999.

NARDI, Elton Luiz. **Pesquisa: teoria e pratica**. 1.ed. Porto Alegre: EST Edições, 2003.

PERRAUDEAU, Michel. **Estratégias de aprendizagem: como acompanhar os alunos na aquisição dos saberes**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PORTO, Oliveira. **Psicopedagogia institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico**. 4 ed. Rio de Janeiro, Wak, 2011.

REDIN, Euclides. **O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

SANTOS, Denise Moreira dos. **Como a Psicopedagogia pode contribuir no tratamento das crianças autistas**. 2009. 43 p. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) - Universidade Candido Mendes do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar, o problema escolar e de aprendizagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.

STRIEDER, Roque. **Diretrizes para elaboração de projetos de pesquisa: metodologia do trabalho científico**. Joaçaba, SC: Unoesc, 2009.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica. Epistemologia Convergente**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

WEISS, Maria Lúcia. **A psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: DP&A. 2003.